

Coro

Casa da Música

23 Set 2018
18:00 Sala Suggia

-
FANTASIA

Paul Hillier *direcção musical*

Giovanni Gabrieli

O magnum mysterium, motete de Natal (pub. 1587)

Carlo Gesualdo

Il sol qual or più splende – Volgi, mia luce, do Livro IV de Madrigais (pub. 1596)

Moro, lasso, al mio duolo, do Livro VI de Madrigais (pub. 1611)

Johannes Ockeghem

Alma Redemptoris Mater (séc. XV)

György Ligeti

Drei Phantasien (1983)

1. *Hälfte des Lebens*
2. *Wenn aus der Ferne*
3. *Abendphantasie*

Johannes Ockeghem

Kyrie e Gloria da *Missa Prolationum* (séc. XV)

Pablo Ortiz

Ancor che col partire (2016)

E ne la face de begli occhi accende (2016)

Giovanni Gabrieli

O Jesu mi dulcissime (pub. 1615)

Textos originais e traduções nas páginas 7 a 13.

Duração aproximada do concerto: 1 hora sem intervalo.





Maestro Paul Hillier
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/290875667>

MECENAS MÚSICA CORAL

Allianz 
Seguros

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
REDES DE ESCOLAS
DE MÚSICA DE PORTUGAL

REMA
REDES DE ESCOLAS
DE MÚSICA DE ALGARVE

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

■

A extraordinária riqueza semântica do vocábulo *fantasia* permite a sua aplicação como sinónimo de conceitos como ficção, ideia, disfarce, capricho, quimera ou até alucinação. Todas estas acepções tomam a natureza criativa da imaginação como denominador comum e ponto de partida para algo que se aparta, num grau mais ou menos profundo e com consequências díspares, da realidade. Uma das mais remotas aparições do termo *fantasia* em contexto musical surge no *Cancioneiro de Isabella d'Este*, manuscrito compilado no último quartel do século XV como oferta a Isabella, filha do Duque de Ferrara, por ocasião das suas núpcias com Francesco Gonzaga, Marquês de Mântua. Aqui, a expressão “Ile fantazies de Joskin”, que surge numa obra atribuída ao próprio manuscrito a Josquin des Prez (c.1450-1521), poderá aludir à imaginação deste nome cimeiro da música europeia: de acordo com o musicólogo Christopher Field, servirá para sublinhar a concepção livre desta obra, sem recurso a material motivico pré-existente e sem qualquer texto literário subjacente. Preservado desde 1844 na Biblioteca Casanatense, em Roma, o *Cancioneiro de Isabella d'Este* é um dos mais relevantes manuscritos de música profana engendrados nas vívidas cortes da Península Itálica da transição entre os séculos XV e XVI. As autorias das 123 obras nele incluídas patenteiam a influência central de uma excelsa linhagem de músicos franco-flamengos, desde logo o próprio Josquin des Prez, mas contando também com nomes como Johannes Martini (c.1430-1497) – provável professor de música de Isabella d'Este Gonzaga –, Antoine Busnoys (c.1430-1492), Alexander Agricola (c.1445-1506), Loyset Compère (c.1445-1518) ou Jacob Obrecht (1457/8-1505).

Igualmente contemplado no *Cancioneiro*, **Johannes Ockeghem** (c.1410-1497) foi, indiscutivelmente, um dos mais influentes compositores da geração anterior a Josquin. Este chegou mesmo a compor *Nymphes des bois* – uma das suas obras mais tocantes, sobre poema de Jean Molinet (1435-1507) e com *cantus firmus* retirado da Missa de Defuntos – como tributo em forma de “deploração sobre a morte de Johannes Ockeghem”, em Fevereiro de 1497. Com um percurso biográfico inicial ainda por desvelar, mas que deverá incluir uma relação próxima com o conterrâneo Gilles Binchois (c.1400-1460) desde a juventude, o primeiro testemunho da sua actividade musical data de 1443, enquanto *vicaire-chanteur* ao serviço da Igreja de Nossa Senhora (actual Catedral) de Antuérpia. No ano seguinte, era já músico da corte de Carlos I, duque de Bourbon, onde terá permanecido até ser contratado para a corte real francesa de Carlos VII. Aqui, ao longo de uma carreira de quase meio século, em que acompanhou sucessivamente Luís XI e Carlos VIII, solidificou e extravasou uma firme reputação como cantor e compositor – é de sublinhar o seu envolvimento em embaixadas diplomáticas a Castela, em 1470, e a Bruges, em 1484, e a menção como conselheiro do rei num documento de 1477, a par da honrosa e recorrente apropriação de obras suas como modelo para outros compositores e de frequentes e unânimes encómios por parte de poetas e teóricos. A antifona mariana ***Alma Redemptoris Mater***, provável fruto do período mais tardio de Ockeghem, foi erigida em torno da melodia do cantochão, aqui atribuída à voz de *alto*. A partir desta, desenrola-se uma textura a quatro partes (com excepção de breves duos) inusitadamente aguda, que resulta num ambiente geral de grande leveza e transparência. A ***Missa Prolationum***, apontada por

Leeman Perkins como o provável “feito contrapontístico mais extraordinário do século XV”, era já admirada pelos contemporâneos de Ockeghem pela feliz confluência de objectivos musicais e didácticos. Com efeito, o resultado sonoro gracioso e fluído oculta uma concepção sem precedentes, com recurso simultâneo às quatro indicações de mensuração (ou prolações) em cânones de pares de vozes e a entradas das sucessivas imitações com aumentos intervalares progressivos, desde o uníssono até à 8ª, a partir de temas provavelmente resultantes da *fantasia* do próprio Ockeghem.

Um século e meio mais tarde, o matemático, filósofo e teórico Marin Mersenne (1588-1648) apontava como característica essencial a qualquer *fantasia* a ausência de sujeição da música a um texto literário. Na página 164 do *Livre second des Chants* do seu monumental tratado *Harmonie Universelle* (1636-7) descreve-a, por oposição à canção ou ao motete, como o género musical em que “o Músico toma a liberdade de empregar tudo o que lhe vem ao espírito sem exprimir a paixão de qualquer palavra”. Por essa altura, **Giovanni Gabrieli** (c.1554-1612) havia já publicado o único exemplar do género *fantasia* que dele nos chegou, inserido em *Intavolatura di liuto, libro secondo* (Veneza, 1599), a cargo do compositor e alaúdistas Giovanni Antonio Terzi (fl.c.1580-1600). Apontado como um dos mais distintos representantes do ambiente musical veneziano da sua época, o seu percurso ficou indelevelmente ligado ao tio, o igualmente insigne músico Andrea Gabrieli (c.1532-1585). A admiração que por ele nutria, explícita na dedicatória de *Concerti di Andrea et di Gio[vanni] Gabrieli* (Veneza, 1587), levou-o a responsabilizar-se pela publicação de um grande número das suas obras. Ainda jovem, a deslocação para Munique

a fim de estudar com Orlando di Lasso (c.1532-1594) e a subsequente contratação para a corte do duque Albrecht V da Baviera foram centrais para uma enorme influência futura a norte dos Alpes, que a capacidade de atracção a Veneza de alunos como Mogens Pedersøn (c.1583-1623), Antonio Tadei (c.1585-1667) ou Heinrich Schütz (1585-1672) – provenientes, respectivamente, de Copenhaga, Graz e Kassel – torna clara. Desenvolveu a sua carreira simultaneamente ao serviço da Basílica de São Marcos e da *Scuola Grande* de São Roque, tendo daí resultado uma produção quase exclusiva de música religiosa. Na esteira da tradição policoral explorada de modo seminal por Adrian Willaert (c.1490-1562) – um dos ilustres antecessores de Gabrieli em São Marcos – compôs numerosas obras para vários coros, até um total de 19 vozes. **O magnum mysterium** e **O Jesu mi dulcissime**, ambas para 8 vozes, revelam fases distintas no estilo de Gabrieli: enquanto a primeira, que surge no supracitado volume de 1587, patenteia um ambiente sereno, com subtis passagens de testemunho entre o coro grave e o coro agudo até ao mais vivaz *aleluia* final, a segunda, publicada no volume póstumo *Symphoniae sacrae liber secundus* (Veneza, 1615), faz um aproveitamento sistemático do ritmo declamatório, da ornamentação e de contrastes entre secções a 4 vozes e o *tutti* em momentos-chave do texto.

Entretanto, quase no extremo oposto da Península Itálica, **Carlo Gesualdo** (1566-1613) tornava-se notável, no ano de 1590, por motivos extra-musicais: o assassinato, por suas próprias mãos, da sua mulher e do amante desta, de acordo com os costumes de defesa da honra vigentes na época. A inusitada notoriedade deste acto ter-se-á exponenciado devido à sua posição social – Carlo era filho

de Fabrizio II Gesualdo, príncipe de Venosa, e Girolama Borromeo, sobrinha do papa Pio IV e irmã do cardeal Carlo Borromeo (canonizado em 1610). A conseqüente saída de Nápoles para se refugiar na sua propriedade e a deslocação a Ferrara, quatro anos mais tarde, por ocasião do seu casamento com Leonora d'Este (sobrinha do duque Alfonso II), foram o ensejo para se dedicar de uma forma mais consistente e assumida à música, que até então cultivara às ocultas. O ímpeto para a constituição de um agrupamento ao seu serviço terá mesmo sido inspirado pela excelência dos músicos da corte do duque de Ferrara, encabeçados pelo organista e compositor Luzzasco Luzzaschi (c.1545-1607), que Gesualdo abertamente elogiava. Também aí terá amadurecido uma linguagem em que desbravava uma perspectiva extrema em relação ao postulado por Mersenne, ao procurar traduzir em imagens e gestos musicais toda a carga associada aos textos. Esta perspectiva é evidente no repertório sacro, ao qual se foi dedicando com maior acuidade na última década de vida e que materializou em três livros. A este propósito, é de destacar a segunda publicação de *Sacrarum cantionum [...] 6, 7vv* (Nápoles, 1603), que chegou incompleta aos nossos dias, mas cuja primeira audição moderna foi parcialmente concretizada em 2010 pelo Coro Casa da Música, após reconstrução por James Wood. A peculiar simbiose entre texto e música então engendrada por Gesualdo será, no entanto, particularmente pungente na sua vasta obra secular. Quase exclusivamente dedicada ao Madrigal, a cuidada selecção de textos conta com poetas como Giovanni Guarini (1538-1612), Torquato Tasso (1544-1595) ou Giambattista Marino (1569-1625). A autoria dos textos da maior parte dos madrigais permanece, porém, por identificar, como é o caso de ***Il sol qual or più***

splende e Moro, lasso, al mio duolo. A predilecção por imagens metafóricas, com contrastes sucessivos, é aqui tipicamente aproveitada com o tratamento musical individual de cada palavra e o uso liberal de cromatismos e dissonâncias, a par de uma constante volubilidade rítmica entrecortada por pausas abruptas, num estilo que os musicólogos Lorenzo Bianconi e Glenn Watkins afirmam “já não representar a normalidade madrigalística, mas uma extensão extrema e desafiante do *stylus phantasticus*”.

É preciso, contudo, avançar até à penúltima década do século XX para destrinçar uma alusão explícita à *fantasia* no programa de hoje, em concreto em ***Drei Phantasien***, de **György Ligeti** (1923-2006). Considerado um dos mais relevantes músicos de origem húngara do século XX, com 26 anos de idade leccionava Harmonia e Contraponto na Academia de Música de Budapeste, onde se graduara sob a orientação de Ferenc Farkas (1905-2000), Sándor Veress (1907-1992) e Pál Járdányi (1920-1966). Na sequência do abandono do seu país por motivações políticas, em 1956, passou por Colónia, Viena, Berlim, Estocolmo e São Francisco, até um convite para leccionar na Escola Superior de Música de Hamburgo o levar a estabelecer-se nesta cidade em 1983, precisamente o ano de publicação e estreia de ***Drei Phantasien***. Este reencontro do Coro Casa da Música com a obra de Ligeti, após a interpretação de *Lux aeterna* (1966) em Novembro de 2013, revela uma fase muito distinta do seu percurso composicional. Apartando-se aqui do recurso à micropolifonia (uma das suas marcas na década de 1960), descreveu a sua abordagem musical às *fantasias* imaginadas por Friedrich Hölderlin (1770-1843) – um dos mais influentes poetas germânicos activos na primeira metade do

século XIX, confinado a um quarto ao longo de 36 anos devido a uma doença mental incurável – como “peças para 16 vozes, emocionais, ‘onomatopéicas’ e exageradas”.

Numa intrigante reavaliação do universo madrigalístico, o programa de hoje fica completo com ***Ancor che col partire*** e ***E ne la face de begli occhi accende***, do compositor argentino **Pablo Ortiz** (n. 1956). Radicado nos Estados Unidos da América desde 1984, concluiu Doutoramento na Universidade de Columbia sob orientação do conterrâneo Mario Davidovsky (n. 1934) e lecciona actualmente Composição, Análise e Música Electrónica na Universidade da Califórnia. A sua obra multifacetada, que lhe tem granjeado vários prémios e encomendas por todo o mundo – de agrupamentos como os San Francisco Contemporary Music Players, a Orquestra Ciutat de Barcelona ou o Theatre of Voices – revela um espectro de influências desde a polifonia renascentista até ao tango. Nas duas obras de Ortiz hoje interpretadas, o imaginário quincentista torna-se evidente: à escolha de dois dos textos mais populares entre os compositores de então, da autoria de Alfonso d’Avalos (1502-1546) e Ludovico Ariosto (1474-1533), une-se uma assumida admiração por Carlo Gesualdo, aqui discernível tanto a nível harmónico como rítmico, confluindo num estilo que, nos termos de Paul Hillier, apesar de misterioso, “tem resultados sempre limpidamente claros e expressivos”.

LUÍS TOSCANO, 2018

Giovanni Gabrielli

O magnum mysterium

*O magnum mysterium,
et admirabile sacramentum,
ut animalia viderent Dominum natum,
jacentem in praesepio!
Beata Virgo, cujus viscera
meruerunt portare
Dominum [Iesum] Christum.
Alleluia!*

Ó grande mistério
e admirável sacramento,
pois os animais viram o Senhor nascido,
deitado na manjedoura!
Bem-aventurada Virgem,
cujo ventre mereceu transportar
[Jesus] Cristo, o Senhor.
Aleluia!

Carlo Gesualdo

Il sol, qual or più splende – Volgi, mia luce

(Poema: anónimo)

*Il sol, qual or più splende
Non è che scura e languida facella,
Onde non puoi veder come sei bella.

Volgi, mia luce, volgi entro il mio seno
Il bel guardo sereno
E mira, al lume della fiamma mia,
Come tu bella e come ardente io sia.*

O sol, quanto mais brilha,
Mais não é que escura e lânguida luz,
Sob a qual não podes ver quanto és bela.

Dirige, minha luz, para o meu coração
O belo olhar sereno
E vê, à luz da minha chama,
Como és bela e eu sou ardente.

Moro, lasso, al mio duolo

(Poema: anónimo)

*Moro, lasso, al mio duolo,
E chi mi può dar vita,
Ahi, che m'ancide e non vuol darmi aita.
O dolorosa sorte,
chi dar vita mio può,
Ahi, mi da morte.*

Morro, abandonado à minha dor,
E quem vida me pode dar,
Ai, que me mata e ajuda não me quer dar.
Oh dolorosa sorte,
Quem a vida me pode dar,
Ai, me dá a morte.

Johannes Ockeghem

Alma Redemptoris Mater

*Alma Redemptoris Mater,
Quae pervia caeli porta manes,
Et stella maris, succurre cadenti
Surgere qui curat populo:
Tu quae genuisti, natura mirante,
Tuum sanctum Genitorem:*

*Virgo prius ac posterius,
Gabrielis ab ore sumens illud Ave,
Peccatorum miserere.*

Terna Mãe do Redentor,
Tu que és a porta aberta do céu
E estrela do mar, ajuda o povo em queda
Que procura reerguer-se:
Tu que geraste, para espanto da natureza,
O teu santo Criador:

Virgem antes e depois,
Tu que recebeste da boca de Gabriel aquele "Ave!",
Tem piedade dos pecadores.

György Ligeti

Drei Phantasien

(Excertos de poemas de Friedrich Hölderlin)

1. Hälfte des Lebens

*Mit gelben Birnen hängen
Und voll mit wilden Rosen
Das Land in den See,
Ihr holden Schwäne,
Und trunken von Küssen (...)*

*Weh mir, wo nehm'ich, wenn
Es Winter ist, die Blumen, und wo
Den Sonnenschein,
Und Schatten der Erde?
Die Mauern stehn
Sprachlos und kalt, im Winde
Klirren die Fahnen.*

Com pêras amarelas
E cheia de rosas silvestres
Pende a terra sobre o lago,
Ó graciosos cisnes
Ébrios de beijos (...)

Ai de mim, onde, no Inverno,
Irei encontrar as flores, e onde
O calor do sol
E a sombra da terra?
Os muros erguem-se
Mudos e frios, ao vento
Tilintam as bandeiras.

2. Wenn aus der Ferne

*Wenn aus der Ferne, da wir geschieden sind,
Ich dir noch kennbar bin, (...)*

*So sage, wie erwartet die Freundin dich?
In jenen Gärten, da nach entsetzlicher
Und dunkler Zeit wir uns gefunden?
(...)*

*Wie flossen Stunden dahin, wie still
War meine Seele über der Wahrheit daß
Ich so getrennt gewesen wäre?
(...)*

*Wars Frühling? war es Sommer?
die Nachtigall
Mit süßem Liede lebte mit Vögeln, die
Nicht ferne waren im Gebüsch
Und mit Gerüchen umgaben
Bäum'uns.*

*(...) grünte der Epheu, grünt
Ein seelig Dunkel hoher Alleen.
Oft
Des Abends, Morgens waren dort wir
Redeten manches und sahn uns froh an.*

*(...) Ach! wehe mir!
Es waren schöne Tage. Aber
Traurige Dämmerung folgte nachher.
(...)*

Se de longe, depois que nos separámos,
ainda te sou reconhecível (...)

Então diz, como te esperará a amiga?
Naqueles jardins, depois de terríveis
E sombrios tempos encontramos?
(...)

Como as horas passaram, quão tranquila
Estava a minha alma sobre essa verdade
De ter estado separado de ti?
(...)

Era Primavera? Era Verão?
O rouxinol,
Com o seu belo canto, vivia com pássaros,
Que estavam no bosque, não longe,
E as árvores envolviam-nos com os seus
aromas.

(...) verdejavam as heras, verdes,
Na bela sombra das altas alamedas.
Muitas vezes
À noite, de manhã, lá estávamos nós,
Falávamos um pouco e olhávamo-nos felizes.

(...) Ai de mim!
Foram belos dias. Mas
Um triste crepúsculo se lhes seguiu.
(...)

3. Abendphantasie

(...)

*Am Abendhimmel blühet der Frühling auf;
Unzählig blühen die Rosen und ruhig scheint
Die goldne Welt; o dorthin nimmt mich
Purpurne Wolken! und möge droben*

*In Licht und Luft zerrinnen mir Lieb' und Laid!
Doch, wie verscheucht von thöriger Bitte,
flieht*

*Der Zauberer; dunkel wirds und einsam
(Unter dem Himmel, wie immer, bin ich –)*

*Komm du nun, sanfter Schlummer! Zu viel
begehrt das Herz;*

*Doch endlich, Jugend! verglühst du ja,
Du ruhelose, träumerische!*

Friedlich und heiter ist dann das Alter.

(...)

No céu nocturno floresce a Primavera;
Incontáveis rosas florescem e calmo brilha
O mundo dourado; Oh, levem-me para lá,
Nuvens púrpuras! Que lá em cima possam

Dissipar-se o meu amor e a dor em luz e ar!
Mas, como que afugentado pelo pedido tolo,
foge

O encanto; anoitece, e solitário
(Sob o céu, como sempre, estou eu –)

Vem agora, sono suave! Demais almeja o
coração;

Mas, juventude, vais acabar por te consumir,
Coisa inquieta, sonhadora!

Pacífica e amena virá então a velhice.

Johannes Ockeghem

Missa Prolationum

1. Kyrie

Kyrie eleison.

Christe eleison.

Kyrie eleison.

Senhor, tem piedade.

Cristo, tem piedade.

Senhor, tem piedade.

2. Gloria

Gloria in excelsis Deo

et in terra pax hominibus bonae voluntatis.

Laudamus te. Benedicimus te.

Adoramus te. Glorificamus te.

*Gratias agimus tibi propter
magnam gloriam tuam.*

Domine Deus, Rex caelestis,

Deus Pater omnipotens,

Domine Fili unigenite, Jesu Christe.

Domine Deus, Agnus Dei,

Filius Patris.

*Qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

*Qui tollis peccata mundi,
suscipe deprecationem nostram.*

*Qui sedes ad dexteram Patris,
miserere nobis.*

Quoniam tu solus sanctus. Tu solus Dominus.

Tu solus altissimus, Jesu Christe.

Cum Sancto Spiritu in gloria Dei Patris.

Amen.

Glória a Deus nas alturas

e paz na terra aos homens de boa vontade.

Nós te louvamos, nós te bendizemos.

Nós te adoramos, nós te glorificamos.

Nós te damos graças
por vossa imensa glória.

Senhor Deus, Rei dos céus,

Deus-Pai Todo-Poderoso,

Senhor Filho de Deus unigénito, Jesus Cristo.

Senhor Deus, Cordeiro de Deus,

Filho de Deus Pai.

Tu que tiras o pecado do mundo,
tem piedade de nós

Tu que tiras o pecado do mundo,
acolhe a nossa súplica.

Tu que estás à direita do Pai,
tem piedade de nós.

Porque só tu és o santo, só tu és o Senhor.

Só tu és o Altíssimo, Jesus Cristo.

Com o Espírito Santo na glória de Deus Pai.

Ámen.

Pablo Ortiz

Ancor che col partire

(Poema: Alfonso d'Avalos)

*Ancor che col partire
lo mi senta morire,
Partir vorrei ogni hor,
ogni momento:
Tant' il piacer ch'io sento
De la vita ch'acquisto nel ritorno:
E cosi mille volt' il giorno
Partir da voi vorrei:
Tanto son dolci gli ritorni miei.*

E ne la face de begli occhi accende

(Poema: Ludovico Ariosto)

*E ne la face de begli occhi accende
L'aurato strale
Nel ruscello amorza,
Che tra vermiglie, e bianchi fiori scende
Temperato che l'ha tira di forza
Contra il garzon,
Che ne scudo diffende
ne maglia doppia, ne ferrigna scorza

Che mentre st'a mirar, gli occhi e le chiome,
Si sente il cor ferito, e non fa come.*

Ainda que com a minha partida
Me sinta morrer,
Partir quereria a toda a hora,
a todo o momento:
Tal é o prazer que sinto
Na vida que ganho ao regressar:
E assim, mil vezes ao dia
Afastar-me de vós eu quereria:
Tão doces são os meus regressos.

E no rosto de lindos olhos se acende
A dourada flecha
No ribeiro se acalmando,
Entre vermelhas e brancas flores passando,
Temperando-a, atira-a com força
Contra o jovem,
Que nem o escudo defende
nem a dupla malha, nem a férrea couraça

Pois enquanto observa os olhos e os cabelos,
Sente o seu coração ferido, e não sabe porquê.

Giovanni Gabrielli

O Jesu mi dulcissime

*O Jesu mi dulcissime,
adoro te in stabulo commorantem.
O puer dilectissime,
adoro te in praesepio jacentem.*

*O Christe, rex piissime,
adoremus te in faeno cubantem,
in coelo fulgentem.*

*O mira Dei pietas,
O singularis caritas,
Christus datus est,
Jesus natus est,
datus est a Patre,
natus est de virgine matre.*

*O divina ergo proles,
Te colimus hic homines
Ut veneremur caelites.*

Ó meu Jesus tão doce,
Adoro-te, no estábulo deitado.
Ó menino tão querido,
Adoro-te, na manjedoura estendido.

Ó Cristo, rei tão piedoso,
Adoremos-te, dormindo nas palhas,
Brilhando no céu.

Ó maravilhosa piedade de Deus,
Ó amor singular,
Cristo foi-nos oferecido,
Jesus nasceu,
Foi-nos oferecido pelo Pai,
Nasceu da Virgem Mãe.

Por isso, ó prole divina,
Aqui te honramos como homens,
Para te venerarmos como habitantes do céu.

Traduções: Joana Serafim (latim), Cristina Guimarães (italiano), Luísa Lara (alemão)
e versão portuguesa dos textos litúrgicos (latim: *Kyrie* e *Gloria*).

Paul Hillier *direcção musical*

Paul Hillier, Director Fundador do Hilliard Ensemble e do Theatre of Voices, é reconhecido pela versatilidade de uma carreira que passa pelo canto, a direcção, a composição e a musicologia. Foi Maestro Titular do Coro de Câmara Filarmónico da Estónia (2001-2007) e é Titular do Ars Nova Copenhagen desde 2003. Em 2008 tornou-se Maestro Titular do Coro de Câmara Nacional da Irlanda, e em 2009 assumiu o mesmo cargo no Coro Casa da Música. Nesse mesmo ano criou a sua própria editora – Theatre of Voices Edition (www.tov-edition.com). No ano de 2009 foi Artista em Residência no Instituto de Música Sacra da Universidade de Yale. Em 2010 recebeu o seu segundo Grammy – por *The Little Match Girl Passion* de David Lang.

As suas mais de 150 gravações em CD incluem sete recitais a solo (para a Harmonia Mundi, Dacapo e outras editoras) e foram aclamadas em todo o mundo, conquistando numerosos prémios.

Colabora regularmente com os principais coros de câmara europeus – Coros das Rádios Dinamarquesa, NDR e de Berlim, Coro de Câmara de Houston e Coro de Câmara Filarmónico da Estónia – e com orquestras como London Sinfonietta, St. Paul Chamber Orchestra, Concerto Copenhagen, Athelas Sinfonietta, Orquestra de Câmara de Tallinn, Orquestra Barroca Irlandesa, Remix Ensemble, Concerto Palatino, Sinfónica Nacional da Estónia, Filarmónicas de Copenhaga, Sul da Dinamarca e Tóquio, e Sinfónicas de Taiwan, do Porto Casa da Música e de Utah. Apresentou-se em festivais como RheinVokal, Musikfest Berlim, BBC Proms, Festival de Edimburgo, Festival Internacional de Bergen e Festival das Artes de

Hong Kong, e ainda na Ópera Real Dinamarquesa. Tem trabalhado com o Kronos Quartet, Peter Sellars, Bobbie McFerrin, Tim Rushton e Richard Alston.

Em 2018, estreou a obra *And I heard a voice* de Arvo Pärt com o Ars Nova Copenhagen, por ocasião do 800º aniversário da Universidade de Salamanca. Na sua agenda actual inclui-se um concerto com o Theater of Voices na Elbphilharmonie de Hamburgo, actuações com o Coro de Câmara da Irlanda no Festival de Artes de Kilkenny e no Festival de Fishguard no País de Gales, com o Ars Nova no Strings of Autumn em Praga, um concerto de música antiga e Ligeti com o Coro Casa da Música, um concerto com o Coro da Rádio Húngara, entre outros.

Em 2006, Paul Hillier foi condecorado com a Ordem do Império Britânico pelos serviços prestados à música coral. Em 2007 recebeu a Ordem da Estrela Branca da Estónia e um Grammy Award por *Da Pacem* de Arvo Pärt (Melhor Gravação Coral). Em 2013 foi nomeado Cavaleiro da Ordem de Dannebrog por Sua Majestade a Rainha Margarida II da Dinamarca.

Paul Hillier nasceu em Dorchester e estudou na Guildhall School of Music and Drama em Londres. Ensinou na Universidade da Califórnia e foi Director do Early Music Institute na Universidade de Indiana entre 1996 e 2003. Os seus livros sobre Arvo Pärt e Steve Reich foram publicados pela Oxford University Press.

Coro Casa da Música

Paul Hillier *maestro titular*

Desde a sua fundação em 2009, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Gregory Rose, James Wood, Douglas Boyd, Martin André, Baldur Brönnimann, Laurence Cummings, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, para além do seu maestro titular, Paul Hillier. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação de obras como *Missa em Dó menor e Requiem* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, 3ª Sinfonia de Mahler, *Messias* de Händel, *Te Deum* de Charpentier, *Oratória de Natal*, *Magnificat* e Cantatas de Bach, *História de Natal* de Schütz, *Requiem* de Verdi, *A Criação* de Haydn, *Missa para o Santíssimo Natal* de Alessandro Scarlatti, grandes obras corais-sinfónicas de Prokofiev e Chostakovitch e *Requiem* de Schnittke.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. As criações dos séculos XX e XXI têm também um peso importante no seu repertório, que incluiu a estreia nacional do *Stabat Mater* de James Dillon e do *Moth*

Requiem de Harrison Birtwistle, além de obras de Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage.

Na temporada de 2018, o Coro apresenta obras-primas da história da música junto dos agrupamentos instrumentais da Casa da Música, entre as quais *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Te Deum* de Bruckner, *As Estações* de Haydn, *Missa em Si menor* de Bach, Cantatas de Webern ou *Sinfonia Ressurreição* de Mahler. Os programas *a cappella* oferecem um panorama muito alargado da melhor música coral, desde a escola franco-flamenga do século XV a Arvö Part, passando por obras sacras do Barroco italiano e música francesa de inspiração impressionista.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Sopranos

Ana Caseiro
Ângela Alves
Eva Braga Simões
Leonor Melo
Rita Venda

Tenores

Almeno Gonçalves
André Lacerda
Luís Toscano
Vitor Sousa

Contraltos

Iris Oja
Joana Guimarães
Joana Valente
Mark Chambers

Baixos

Francisco Reis
João Barros Silva
Luís Rendas Pereira
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques

Maestro co-repetidor

Ben McKee



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

